

COM A PALAVRA: MARCOS CAUDURO TROIAN

LUIZA NEVES

Especial

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

PORTA RETRATO

Além de clinicar, Troian dedicou mais de 40 anos aos alunos do curso de Medicina da UFSM

O endocrinologista Marcos Cauduro Troian tem 46 anos de profissão e uma carreira atuante em diversas cidades do Brasil. Professor de Medicina na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) por mais de 40 anos, foi fundador e primeiro presidente da regional gaúcha da Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD). No início dos anos 1970, criou uma das primeiras ações de controle da doença do Brasil, na Praça Saens Peña, Tijuca, no Rio de Janeiro. Naquela época, havia poucas condições para movimentos públicos de conscientização, mas ele abraçou a causa e nunca mais parou.

Casado com a médica Loraine, é pai de Geraldine, Ricardo e Ana, e tem dois netos. Nesta conversa, Troian fala de três grandes paixões: medicina, docência e viagens. Além disso, conta o quão otimista é quando o assunto é a prevenção do diabetes.

Diário de Santa Maria – Medicina sempre foi a sua vocação?

Marcos Cauduro Troian – Questiono essa história de vocação. Acredito em escolhas. A gente se adapta às coisas. Sabe como fui parar na Medicina? Por eliminação. Quando chegou a hora de fazer vestibular, eu só sabia o que não queria... Como não gostava de números, eliminei logo as Exatas. Tive a chance de ir para o comércio, mas acompanhei a trajetória dos meus pais no comércio e não era uma rotina fácil. Depois que eliminei tudo, percebi que havia esquecido a possibilidade de ser médico. Então, prestei vestibular para Medicina, e me formei na 13ª turma da UFSM, em 1971. Tive professores maravilhosos. Não digo que era vocação, mas, aos pouquinhos, me apaixonei. Quando entro no meu consultório, o mundo lá fora desaparece.

Diário – Sempre morou em Santa Maria?

Troian – Ah! Eu sou apaixonado pela minha cidade. Morei fora, mas escolhi voltar para a minha terra. Nasci na Boca do Monte, na Casa de Saúde, no tempo em que a parturiente corria o risco de ter de esperar o trem passar, antes de conseguir chegar à maternidade. São inúmeras as histórias de mulheres que tiveram seus filhos dentro de carros naquele trecho porque bem na hora em que iam para o hospital, passava o trem. Fui criado aqui, no centro da cidade, na Andradadas, na Rio Branco e, depois, na Galeria do Comércio. Sou filho único. Meu pai, Isidoro Troian, veio de Caxias do Sul, no tempo em que o fluxo Santa Maria-Caxias era inverso, e se estabeleceu no comércio local. A família da minha mãe, Antonieta Cauduro Troian, é daqui. Meu avô materno, José Carlos Cauduro, fundou o Hotel Jantzen. Estudei no Olavo Bilac, depois no Santa Maria e no Maneco. Em 1970, um ano antes de me formar, fui para o Rio de Janeiro. Naquele tempo, a gente podia fazer o último ano fora. Foi um ano bem complicado. Meu pai faleceu, ninguém esperava. Fiquei no Rio até 1974. Em 1975, de volta a Santa Maria, comecei a lecionar na UFSM.

Diário – Por que escolheu a endocrinologia?

Troian – Nos primeiros anos de Medicina, gostei muito da Bioquímica, onde estudamos os hormônios. Como sempre gostei de clinicar, escolhi a endocrinolo-



Troian e a mulher, Loraine, posam na frente da Catedral de Florença, na Itália. O casal tem o hábito de viajar em família sempre no mês de abril

gia. Além disso, na minha família já tinha obesos e diabéticos, o assunto já me interessava. Então, fiz especialização no Rio de Janeiro. No segundo ano em que estava lá, resolvi fazer um controle de diabetes na Praça Saens Peña que era perto do meu serviço, o Instituto de Diabetes e Endocrinologia, no centro da cidade. Ninguém queria fazer, as condições eram difíceis, não tínhamos nem medidores de glicose. Mesmo assim, eu fui para a praça e fiz uma das primeiras campanhas do Brasil. Sabe quando a gente é picado por uma mosquinha? Eu fui picado pela mosca da prevenção do diabetes. Depois daquela ação, organizei o Dia Mundial do Diabetes em São Paulo, em Porto Alegre e pelo Brasil afora. Aqui no Rio Grande do Sul, fundei e fui o primeiro presidente da regional da SBD. Sou da diretoria até hoje. Até o ano passado, fui presidente da nacional e, hoje, sou relação internacional da sociedade. Todos os eventos internacionais da SBD são coordenados por mim.

Diário – Aqui em Santa Maria, o senhor já organizou várias ações de conscientização contra o diabetes. As pessoas estão se cuidando?

Troian – Sim, elas estão. Estou encantado em relação a isso. O Dia Mundial do Diabetes é 14 de novembro, mas a SBD dedica todo o novembro à conscientização a respeito da doença. Aqui em Santa Maria, contamos com o apoio da prefeitura, da Brigada Militar e de outros órgãos. No último Dia do Diabetes, conseguimos fazer testes em 4 mil pontas de dedo na cidade. Isso é inédito no Rio Grande do Sul. Os números são importantes em relação a isso. No mínimo, 12% de pessoas que passavam na praça (Saldanha Marinho) fizeram o teste por



Em 2001, o médico presidiu um simpósio de nefropatia diabética no 1º Congresso Brasileiro de Diabetes, realizado no Rio de Janeiro



curiosidade, foram diagnosticadas e puderam procurar tratamento antes de qualquer complicação. Estou muito feliz. Não pensava que iria ver o que vejo hoje. Há alguns anos, o meu consultório era quase uma antessala de hospital. Agora, as pessoas vêm aqui e me dizem que têm casos de diabetes na família e querem ser acompanhadas por prevenção. Antigamente, tínhamos duas insulinas injetáveis e dois comprimidos. Hoje, existem mais de 20 medicamentos para o diabetes. O paciente só vai apresentar complicações se for relapso. Como prevenir? Atividade física e dieta, o resto é genética. Meu desejo para Santa Maria é que façamos mais uma medicina preventiva do que curativa.

Diário – E as viagens?

Troian – Ah! Agora vou falar da minha outra paixão: viajar. Viajo muito, tanto a trabalho quanto a passeio. Devido aos eventos da SBD, não paro muito em Santa Maria. Em 1985 e 1986, morei em Madri. Depois, passei um pequeno período em Londres e no Texas. Participo de todos os congressos americanos e europeus da SBD. Eles são maravilhosos. Gosto de estar com o público, de falar bastante, preciso de gente à minha volta, adoro meus amigos. Aqui em Santa Maria, temos um grupo de colegas endócrinos que é o máximo: cinco casais que, há mais de 10 anos, reúnem-se uma vez por mês. Isto é muito legal, faz parte da minha vida. Tenho facilidade de me dar bem com as pessoas. Isso vem um pouco da origem italiana. O italiano é alegre, complicado às vezes, mas faz tudo para superar as dificuldades e ser feliz. Viajar com a família é um dos momentos mais esperados lá em casa.